



## Na Mídia

09/03/2020 | [Valor Investe](#)

### **Negócios e IPOs já estão sendo adiados e investimento externo deve cair até 15%, diz advogado**

Sócio do escritório paulistano Demarest relata suspensões de emissões de ações e de projetos de aquisições, mas também vislumbra ganhos para setores como o agronegócio

Rafael Gregorio



Foto: Getty Images

As semanas de solavancos nos mercados, no embalo do recrudescimento da epidemia de coronavírus e, mais recentemente, da nova guerra do petróleo entre Arábia Saudita e Rússia, farão o investimento estrangeiro

no Brasil cair entre 10% e 15% e já causam adiamento de IPOs e de projetos de fusões e aquisições. **O relato é de José Setti Diaz, sócio da área de fusões e aquisições do escritório paulistano Demarest.**

**“A gente ainda avalia o tamanho do viés negativo, mas temos notícias de que o investimento estrangeiro no país será reduzido em algo entre 10% e 15%. Isso impacta as atividades de M&A”, afirma Diaz, citando a sigla em inglês para fusões e aquisições (mergers and acquisitions).**

Segundo ele, o impacto já pôde ser sentido sobre negócios projetados sob a supervisão do escritório, que vinham “num ritmo forte de crescimento” e, agora, são repensados sob outra perspectiva. “Não diria canceladas, mas a gente teve, sim, operações suspensas. O que percebemos nas últimas duas semanas são o coronavírus e a questão do petróleo gerando demora nos trabalhos. Reuniões que estavam agendadas tiveram de ser canceladas, o fluxo de pessoas viajando diminuiu; algumas coisas são resolvidas por telefone e videoconferência, mas outras ficam paradas”, detalha.

Os efeitos, ele diz, são vistos em cadeia: “Muitas vezes, a empresa faz um IPO já de olho em captar recursos para comprar outras empresas. Então um eventual impacto mais permanente nessas movimentações deve impactar, sim, toda a cadeia de operações de M&A”.

Embora frise que enxerga “um exagero” nas reações, motivado por decisões ruidosas, como a quarentena estabelecida pelo governo italiano no fim de semana, e sublinhe que “no horizonte de médio e longo prazos, as coisas deveriam voltar ao normal”, Diaz afirma que o momento, agora, é de observar e assessorar a clientela.

**“O que estamos fazendo é ficar próximo dos clientes para ajudá-los a atravessar esse momento difícil. Do lado jurídico, tem cláusulas contratuais, discussões, enfim, suportes que precisamos dar para curar situações de inadimplementos de obrigações. Acho que em duas ou três semanas vamos ter mais de visibilidade sobre qual o impacto real no nível de transações”, explica.**



José Setti Diaz, sócio de M&A do escritório paulistano Demarest — Foto: Divulgação

Por outro lado, Diaz relata ainda manter perspectivas positivas no horizonte mais longo. “O que tenho ouvido hoje é que não há justificativa real para essa redução, que esse corte de valor no médio-longo prazos não se justifica. Vamos aguardar”, completa.

#### Setores podem se beneficiar

Diaz chama a atenção para um potencial de ganhos para segmentos da economia em meio à turbulência. “Tem quem ganhe. O agronegócio é um deles, e outro são indústrias que eventualmente possam competir em mercados que hoje são ocupados pelos chineses, como química e siderurgia. E coisas ligadas a custo de produção, como energia, podem ser revertidas por um câmbio mais favorável, que torna nossos produtos mais competitivos”, explica.

Para ele, as próximas semanas serão de trabalho para o mercado financeiro – e também para a consultoria jurídica – a respeito de quais os potenciais ganhos que o Brasil pode ter “a partir de um novo posicionamento baseado em um câmbio em um patamar de R\$ 4,80”.

“Do ponto de vista de indústrias como a de petróleo, certamente haverá impactos. O preço no nível que está hoje impacta os projetos da Petrobras e a capacidade que ela tem de fazer investimentos. Por outro lado, indústrias que competem com a China devem momentaneamente se beneficiar. Um setor que tende a se dar bem é o do agronegócio. O coronavírus não vai reduzir o número de pessoas que demandam alimentos, e os preços tendem a favorecer os exportadores”, ele afirma.

Para o advogado, nesse momento pesa positivamente um certo isolamento nacional. “O Brasil é um país que tem uma situação de certa forma fechada. Claro que há indústrias que dependem disso e que sofrem, mas, numa hora como essa, o fato de o Brasil não fazer parte de tantas cadeias globais de valor, acaba sendo bom; o país não sofre tanto.”